



Imagens Bio-grafadas: caminhos de pesquisa com Imagens e Educação

Davi Henrique Correia de Codes

O percurso

A escrita deste ensaio propõe apresentar um processo possível de associação entre imagens e escrita em uma pesquisa em Educação, fazendo surgir o que denomino *Imagens Bio-grafadas*. A partir de uma trajetória de pesquisa de mestrado,¹ que articulou culturas e ambiente, enfoco aqui, como experiência metodológica, o modo como foi possível criar ressonâncias poéticas textuais escritas mediante o encontro com as imagens.

Durante toda a pesquisa foram produzidas e acessadas inúmeras imagens dos aspectos culturais e ambientais do contexto pesquisado: uma comunidade ribeirinha na cidade de São Francisco do Conde- BA. Além destas imagens, escolhi lidar com outras tantas que serviram como repertório inspirativo e hoje compõem o acervo afetivo-imagético desta trajetória de pesquisa.

Este acervo é constantemente revisitado e serviu para criar alguns escritos livres, tecidos como artifícios poéticos, subjetivos e experimentais. São produções que não deflagram detalhamentos visuais propriamente ditos nas imagens aqui exemplificadas, pois

1 Programa de Pós-graduação em Educação, na linha de pesquisa em Educação e Comunicação, da Universidade Federal de Santa Catarina, com financiamento da CAPES. E-mail: davidecodes@gmail.com

são convites, justamente, a um distanciamento desta preocupação com os sentidos e legendagens representativas destas imagens.

A proposta metodológica de escrita se processa com a operação de alguns conceitos advindos dos pensamentos pós-estruturalistas. São eles: *afeto* (Machado, 1990; Gleizer, 2005; Lopes, 2013), *ficção* (Rancière, 2009) e *dispositivo* (Foucault, 2003). Uma proposta que faz movimentar inventividade e alargar esta imediata e primeira *significação* para dar espaço também para a *rememoração* e para *sensação*. Vale destacar ainda que estes textos escritos surgem da imersão atrativa a que as imagens convidam seu espectador e fazem gerar, em meio às suas “potências” imagéticas, outras sensações e afetos. Um movimento de leitura da imagem e produção de escrita que com ela é disparada.

Como exemplo desta prática de articulação entre imagem e escrita poética, trago duas *imagens bio-grafadas*. Uma obtida na cidade de São Francisco do Conde e, junto a ela, seu fragmento textual escrito. A segunda, uma imagem antiga do bairro de Itapuã, onde vivi minha infância também em um cotidiano de aproximação com o mar.

Imagem bio-grafada 1- Samba ni mim



“Quanta música contém contida no coração das pessoas? As vozes das moças lindas de cabelos cacheados, pele negra e sorriso delicioso. Gestuais da vida em vida. São fotos infantis de palavras agudas e famintas de energia. Memórias do antigamente em rasgos de um vestido de chita. Colorações em corações e coloridos de roupagem florida. É o molho da baiana com acarajé no frio de um inverno esperado e muito mal planejado, mas, mesmo assim, vivido e sentido. Quando os espelhos não nos reflete por conta da turbidez do vapor impregnado no banheiro, mostra-nos apenas borrões, borrões que tem cores, traços e tracejados, mas não tem trajetos, só tártaros e perfumes. Mesmo assim, escuta-se o som que deve e pode ser escutado. Batidas de coração, descompasso da percussão feita com a boca, sons esculhambados que nos fazem alegrar, um pouquinho ao menos. Sambam com a gente. Esperam o dia do renascimento ou já saímos pulando e gritando: ‘Nasci!

Eu nasci! Que é que é isso minha gente? Não estou entendendo é nada!”²

Imagem bio-grafada 2- Desejar um lugar



“Saber onde estou é relevante. Saber para onde vou é uma dádiva. Saber de onde venho é uma necessidade. Refiro-me ao lugar, ou me refiro ao tempo. Talvez me refira às duas coisas ao mesmo “tempo” já que elas encontram-se no mesmo “lugar”. Antes mesmo de refletir sobre os meus desejos, seria importante fragmentá-los, destroçá-los, despedaçá-los para tentar desvendar de que lugar eles partem. Penso no lugar, como olhar, como mais que ferramenta, como vestuário que me abraça e conforta e inquieta para se debruçar sobre todas essas possibilidades. Estou

2 Imagem sem título. Fotografia de Davi Codes, 2014. Escrita em 22/06/2014, contida no diário de campo do pesquisador.

em trânsito, estou navegando, meu desejo se encontra entre a fissura do aqui e do lá. Lá de onde eu vim, lá para onde eu vou. São trançados frouxos pelas possibilidades, mas apertados pela atração, que me possibilitam com maleabilidade ir para frente ou me segurar onde quero parar. O lugar do meu desejo é potente. Sou potência por ter mais de um lugar. Sou potente por ter mais de um desejo. Sou lugar. Sou desejo. Talvez deseje lugares ao invés de ter um lugar de desejo. Isso não é uma inquietação. Isso não é um problema. Isso não precisa ser respondido. Isso não precisa ser superado. Isso deve ser apenas aproveitado. Meu lugar sou eu. Me lugar não é só meu. Porque sou habitado por muitos e muitos Eu's. Sou habitado, dividido e separado por inúmeros desejos. Não sei o que desejo ser, nem sei o que não desejo ser. Sei que estou em movimento, sei que estou navegando. Navego sobre e entre. Navego sobre tantos espelhos, de ar e de água. Navego entre, entre fogos e chãos”³.

Breve desembarque

Estes e outros exemplos de imagens foram então fontes e protagonistas para estas escritas. As imagens a que me dispus relacionar fazem disparar novos pensamentos e movimentam meus esforços para pensar a articulação entre culturas e ambiente. São escritos fluidos, destinados à criação e não à edição, um modo de escrita capaz de atuar como um novo “dispositivo” que faça surgir e se materializar tanto aspectos de: significação, rememoração e sensação.

3 Imagem sem título. A fotografia destaca o caminho para Itapuã em 1952. Fotografia de José Nunes Neto. Escrita em 27/03/2014, contida no diário de campo do pesquisador.

Mobiliza-se desta forma mais uma perspectiva que faz estremecer os costumeiros modos de se relacionar e olhar para/com a imagem. Uma abertura para pensar além da obra, da imagem, como uma criação que possui uma autoria própria e viva, independente do seu contexto de criação, fértil em parcerias para novas narrativas e sentidos, proliferadora de múltiplos olhares para si mesma e para as pesquisas em educação.

Referências

- FOUCAULT, M. (2003). Sobre a história da sexualidade. In: _____. *Microfísica do poder*. Introdução, organização e tradução Roberto Machado. 18. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- GLEIZER, M. A. (2005). *Espinosa e a Afetividade Humana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LOPES, D. (2013). Afetos Pictóricos ou em Direção a Transeunte de Eryk Rocha. *Revista FAMECOS*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, pp. 255-274, maio/agosto.
- MACHADO, R. (1990). *Deleuze e a Filosofia*. Rio de Janeiro: Graal.
- RANCIÈRE, J. (2009). *A partilha do sensível. Estética e Política*. Tradução Mônica Costa Neto. São Paulo: Editora 34.

Davi Henrique Correia de Codes é licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Feira de Santana e mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina.